

III Jornadas Ibéricas de Educação Social

Conflitos sociais: discursos, representações, estratégias de mudança



Livro de atas

Bragança 26 e 27 de novembro de 2015

Síntese das comunicações apresentadas nas III Jornadas Ibéricas de Educação Social

Maria do Nascimento Mateus – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança

Marília Castro – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança

Pedro Couceiro – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança

Resumo

O presente texto propõe-se sintetizar as percepções essenciais que no decurso dos trabalhos foram apresentadas e deixadas à discussão aos participantes das III Jornadas Ibéricas de Educação Social pela conferência inicial e restantes comunicações subordinadas ao tema *Conflitos sociais: discursos, representações, estratégias de mudança*.

Abstract

This paper proposes to synthesize the essential perceptions that during the work were you present and allowed the discussion to the participants of the III Iberian Conference on Social Education by the initial conference and other communications under the theme *Social conflicts: speeches, representations, change strategies*.

As III Jornadas Ibéricas de Educação Social subordinadas ao tema **Conflitos sociais: discursos, representações, estratégias de mudança**, propuseram-se criar um espaço de diálogo, reflexão e a ampliar molduras que se pretendem de debate sobre a atual discursividade perante a conflitualidade social do mundo em que vivemos, tentando a justificação e atribuição de significados aos vários sentidos dos conflitos sociais. Pretendeu-se igualmente, estruturar um conjunto de observações globalizantes da problemática abordada, propondo a estruturação de estratégias de mudança que perspetivem um futuro ajustado à edificação de distintos discursos e representações, com o intuito de alcançar uma visão que se pretende abrangente, esclarecedora e motivadora da construção de uma sociedade em constante mutação.

É precisamente pela definição e problematização diagnóstica de muitas das abordagens possíveis para um conceito alargado de conflito que se iniciaram os nossos trabalhos.

De resto, foi quase sempre um fio condutor destas jornadas. Desde logo porque os tempos que correm são profícuos em conflituosidade, decorrente da evolução política, económica e social das sociedades contemporâneas, a que a globalização ou a transnacionalização dos fenómenos sociais, religiosos e culturais não é isenta. Depois, porque muitas das vezes nos esquecemos que a história se afirma por momentos de rutura e conflituosidade, encaramos a estabilidade e os valores de uma pacificação social como os mais desejados, e nestes depositamos as expectativas de uma vida melhor e de um progresso social extensível a todos. Mas tal não acontece e esta constatação implica conhecermos o conflito, caracterizá-lo e assumi-lo como ponto de partida para a reconstrução.

Neste sentido, cobriu-se de imenso interesse a visão teológica e pastoral trazida pelo Padre Bento Soares em que não se refuta a conflitualidade inerente à humanidade e, por conseguinte, à construção de uma alteridade em cuja vivência se percebe que a conflitualidade marca as circunstâncias da construção do indivíduo em articulação com o Outro. Por isso, o conflito é, também ele, uma constante na doutrina cristã e na justificação do conceito de culpa, responsabilidade, liberdade e busca pela perfeição. As representações extraídas dos textos bíblicos apresentaram-se como imagens à conceptualização destes valores, e a partir delas, a edificação de um conjunto de referências que emergentes dos conflitos permitirão alcançar a justiça, a inclusão e a fraternidade no ambiente social saudável e de resistência a uma ética dos mínimos.

De alguma forma, esta foi uma postura conscientemente adotada pelos vários trabalhos apresentados neste fórum. Os novos problemas causados pela abertura cultural e religiosa das sociedades globais permitem a constatação de que já não existe uma cultura única, mas antes múltiplas culturas, que não podem transformar-se em causa de sentimentos de aversão perante a novidade, nem tão pouco, as práticas de imposição ou assimilação de uma cultura sobre as outras. Para Valero Matas, aqui representado por Xavier Callejo, os modelos assimilacionistas, segregacionistas ou compensatórios não podem mais fazer do que prolongar as desigualdades e as assimetrias socioculturais. Evoluir para uma salutar convivência e coesão cultural, valorizando o permanente diálogo entre os diferentes atores sociais e culturais, parece obrigar-nos a um reforço da

importância da Educação como esteio principal de uma sociedade de compromisso pela diversidade num plano igualitário de direitos e responsabilidades.

Aliás, as discussões em torno destas novas realidades culturais e étnicas apresentam à comunidade científica desafios no seu entendimento, e possibilitam exercícios de cálculo de riscos e perigos decorrentes das formas de convivência em espaços comuns com tanta diversidade. Pelo trabalho de André Garibaldi e Ana Rita Torres, conclui-se que a coesão social através da interculturalidade, para além da multiculturalidade, parece tomar forma como novo paradigma para a realidade da Europa de hoje, avançando por caminhos de uma maior convivência interativa entre as diferentes comunidades étnicas, religiosas e linguísticas. Contudo, tal não acontece sem que, do outro lado, se façam ouvir os tradicionais argumentos nativistas, que incluídos na argumentaria populista de alguns setores político-partidários fazem valer o medo e a perda de segurança como motivos suficientes para que a suspeição se instale e construa uma outra realidade social própria.

Por outro lado, a apresentação de outras comunicações nestas III Jornadas Ibéricas de Educação Social permitiram-nos a desconstrução de alguns mitos em torno de características até há pouco tidas como certas. Benilde Moreira argumentou a favor de uma necessária desmistificação da imagem dos brandos costumes nacionais, resultado de uma visão paternalista e autoritária de contextos políticos passados. A sua comunicação venceu o conflito numa perspetiva histórica e em duas dimensões, uma pública, regulamentada e sancionada por mecanismos legais e jurídicos, a outra, da esfera privada, alvo de muitas cumplicidades e silêncios, que os números sobre as violências perpetradas sobre setores mais frágeis da sociedade – mulheres, crianças e idosos, revelam uma necessária pedagogia com base no respeito e igualdade. Para esta oradora, urge investir numa cidadania informada em que se pugne por uma autoconsciência dos direitos, pelo direito a usa-los e por uma expectativa da sua eficácia.

Por seu turno, Manuel Torres Cubeiro segue a mesma linha de pensamento na análise das problemáticas ligadas ao acompanhamento de patologias mentais. Pela sua comunicação estabeleceu-se uma relação entre os índices de analfabetismo e os baixos níveis de saúde entre a população. Daí a importância para uma valorização da educação alfabetizadora no sentido desta facilitar a leitura e compreensão da informação médica. A saúde mental, como faceta das políticas públicas de saúde, não deixa de valorizar a posse e o domínio da informação, e oferece-se como um instrumento de combate ao estigma associado às enfermidades mentais.

A este esforço, não poderão ficar indiferentes as instituições sociais, desde a escola à família, como todas as outras entidades de papel ativo para a vida social.

Ainda sobre populações tradicionalmente mais frágeis, foi sobre os discursos e estratégias de mudança sobre o acolhimento de crianças e jovens que Paulo Delgado nos apresentou o retrato socio-legal desta realidade. A questão do acolhimento dos jovens mereceu nos últimos tempos, uma reavaliação, preferindo-se o acolhimento familiar pela proximidade afetiva e a manutenção dos laços de confiança que reforçam o processo de socialização.

Será precisamente por parte de muitas destas instituições que, formal ou informalmente, garantem uma pedagogia para integração ou reinserção social, que se espera um ativo e válido papel neste desiderato. O projeto apresentado no Estabelecimento Prisional de Izeda, da responsabilidade de Joana Cordeiro e Nascimento Mateus, apresentou-se como proposta real para uma aplicação destes valores, permitindo a extrapolação para o um mundo tradicionalmente conflituoso, punitivo e de exclusão, dos propósitos a valorizar nas abordagens educativas que permitem, à semelhança do que anteriormente dissemos, uma leitura construtiva do conflito.

Sob a designação de conflitos sociais, surgem múltiplas realidades, problemáticas e destas nascem tantos outros reptos às sociedades contemporâneas. Para além dos discursos e representações que sobre elas sejam convidados a fazer, estas Jornadas convidaram-nos também a uma reflexão sobre as estratégias a desenvolver perante os desafios atuais.

Nesse sentido, a reflexão trazida por Lidia Sanz e Juan Coca apresentaram uma proposta relacionando a sociologia multidimensional, seus modelos integrados e níveis de análise social com a hermenêutica como ferramenta para compreender os microníveis dos processos mentais, mediante os quais se pode construir a realidade social. Neste apresenta-se ainda um modelo de resolução de conflitos visando uma cultura de paz, numa perspetiva teórica, integradora e globalizante, juntando a ação e a estrutura, o objetivo e o subjetivo. Da preocupação com o próprio à preocupação com o outro, encontramos múltiplos estilos de resolução de conflitos, desde o mais competitivo ao mais cooperante.

Ainda numa estratégia de resolução da conflitualidade social, afirmou-se nos últimos tempos um vasto campo teórico e científico ligado a uma pedagogia social, que proporcione não só uma leitura diagnóstica das diferentes problemáticas sociais, mas

acima de tudo que se afirme como um espaço profissional que reforce uma crescente intervenção primária, (diríamos nós) para que acautelemos situações extremas de perigosidade social ou, no limite indesejável, de uma exclusão efetiva de partes cada vez mais significativas da população. Pelo facto da Educação Social ser ainda uma área em afirmação, coloca-se, ou deverá continuar a colocar-se, a maior das atenções à formação dispensada a este corpo de profissionais, que tendo de ser capazes de atuar em novos, inusitados e complexos contextos de fragilidades sociais, têm que ser dotados de competências também elas vastas, criativas e eficazes. Aquilo que o coletivo de autores da **ESE de Santarém** nos demonstrou é que na ausência de modelos tipificados, a educação social e os seus técnicos terão que manter uma constante atitude reflexiva e crítica, tanto perante as problemáticas com que se confrontam, como pela sua própria ação técnica, questionando e avaliando permanentemente a sua cientificidade com uma inevitável abertura interdisciplinar, aptidões técnicas e identidade profissional. Para estes autores, certamente acompanhados por todos nós, o alcance do processo de mudança social preconizado por estes agentes profissionais nunca deixará de resultar de uma reflexividade e de um posicionamento ético e deontológico que sustentam, e assim deverão continuar, a intervenção profissional destes técnicos.

Neste sentido, e tanto no âmbito da formação, como no âmbito de uma intervenção profissional, a recente transposição para o discurso pedagógico das vantagens do empreendedorismo, enquanto conceito que não é novo, mas que tem sofrido uma revalorização, parece, tal como apresentado por **David Casado Neira**, da Universidade de Vigo, oferecer-se como uma solução milagrosa para os males de uma pedagogia não isenta de perigos e contradições. O empreendedorismo parece emergir como a solução para múltiplos problemas - os da escola, os do mundo laboral, os da luta contra a pobreza e desigualdades sociais, etc. Contudo, a sua comunicação permite-nos perceber, ou pelo menos obriga-nos a uma pertinente reflexão, sobre os perigos e incongruências resultantes de uma excessiva importação de discursos, de abordagens ou de modelos, que veiculam o primado de uma nova estrutura económica e de valores que, não deixando de terem de ser respeitados e considerados, não podem assumir-se como postulados únicos para uma intervenção pedagógica, sob pena de prolongar o elitismo de uma pedagogia tradicional.

Finalmente, uma atenção à crescente importância do mundo virtual na criação e resolução dos conflitos sociais. A comunicação de **Carlos Morais, Maria do Nascimento Mateus, Luísa Miranda e Paulo Alves** introduziu-nos a uma reflexão sobre

os resultados de um estudo sobre o crescente potencial mundo virtual, na medida em que as redes sociais se transformaram, não só para os mais jovens, mas também para outros estratos etários, como importantes ferramentas de comunicação, e em alguns casos extremos, como únicas ferramentas de contacto com o mundo. Os espaços físicos e de convívio presencial são agora frequentemente preteridos por uma nova comunicabilidade social e virtual, permitindo perigos e simultaneamente oportunidades ao desenvolvimento interpessoal. Conclui-se, portanto, que esta nova comunicabilidade oferece-se como geradora de conflitos mas também como novas abordagens no contexto das relações e suas formas de mediação.

Como se viu, tentou-se abordar e tratar uma série de questões e problemáticas sociais que mereceram no decorrer dos trabalhos destas Jornadas novas reflexões. Estamos certos que muitas outras ficaram de fora, mas daqui a dois anos estaremos de volta.